



2019/02/18

De novo a Coreia do Norte

Alexandre Reis Rodrigues

Com o anunciado novo encontro de Trump com Kim Jong-un, marcado para 25/26 de fevereiro em Hanói, a Coreia do Norte volta a estar no centro das atenções mundiais. Não é uma situação nova. É onde tem estado – sempre pelas piores razões – nas últimas seis décadas e onde irá provavelmente continuar por mais tempo.



Não será este novo encontro que permitirá encontrar uma saída da situação criada pelo regime norte coreano ao decidir apostar num arsenal nuclear que já conseguiu.¹ Na verdade, nem sequer se pode contar com qualquer sinal de Pyongyang em fornecer uma listagem completa das infraestruturas e do arsenal nuclear, menos ainda permitir as inspeções que os EUA têm solicitado. Nestas circunstâncias, poderão estes encontros – como elemento central da estratégia de Trump – fazer progredir, de alguma forma, o processo de negociações para o desarmamento nuclear da Coreia do Norte?

Aparentemente, excetuando a Casa Branca, Trump e os seus colaboradores diretos, são poucos os que acreditam que o regime coreano venha a desistir do seu estatuto de potência nuclear. Pior, muitos consideram que a estratégia de Trump é errada. Não só não está a levar a qualquer cedência substantiva pela parte de Kim Jong-un como está a permitir-lhe recolher vantagens sem ter que dar o que quer que seja em troca. Por exemplo, na realização de exercícios militares, onde conseguiu o apoio do Presidente Trump para a suspensão do calendário habitual dos exercícios combinados EUA/Coreia do Sul, embora continue com o seu próprio programa.

Trump aposta na criação de um clima de confiança que leve o líder coreano a sentir-se confortável para fazer maiores cedências. Os seus críticos, ao contrário, argumentam que, com líderes como Kim Jong-un, só uma pressão forte pode alterar de forma substantiva o atual quadro de relações. É verdade que a administração americana não levantou as sanções, mas também não as tem adaptado em função das escapatórias que o regime coreano vai encontrando para não sofrer o seu impacto², o que, na prática, equivale a uma suspensão das sanções.

A “*Missile Defense Review*” aprovada em janeiro deste ano, continua a considerar que a Coreia do Norte representa uma “ameaça extraordinária”, malgrado a cimeira de junho do ano passado e os elogios do Presidente americano ao diálogo que tem

¹ É o próprio Presidente Trump que o admite que possam ser necessários vários encontros e mesmo assim nada sendo certo. *Aboard Air Force One on May 31 of last year, Trump spoke of the possible need for multiple summits with Kim Jong Un. “There’s a very good chance that it won’t be done in one meeting or two meetings or three meetings,” the president told reporters.*

² Continuando, por exemplo, a beneficiar do apoio de bancos chineses que gerem as operações financeiras e que Trump declinou sancionar; mudando frequentemente os nomes das principais empresas, etc.

conseguido manter. Numa audição ao Congresso, o general Robert Abrams, comandante das forças americanas estacionadas na Coreia, não só não reconhece qualquer alteração nas capacidades militares da Coreia do Norte como vai avisando que a ameaça do Norte não se limita ao arsenal nuclear. Mesmo que este viesse a ser desmantelado, as capacidades convencionais e o respetivo dispositivo continuariam a exigir o apoio militar dos EUA a Seul. Isto é, não deveria haver lugar a uma retirada militar dos EUA da península, como pretendem Pyongyang e Pequim. Para Trump, este aspeto não deverá constituir grande problema, uma vez que já tem um acordo com a Coreia do Sul que assumirá o encargo de 924 milhões de dólares, como pagamento da presença americana.³

Não obstante alguns sinais positivos que a administração americana tem passado, supostamente como justificação da concordância para o novo encontro, nenhum diz, objetivamente, que Pyongyang está pronto para assumir qualquer novo compromisso. Stephen Biegun, enviado especial dos EUA, afirmava, já este mês, que a Coreia do Norte estava pronta a desmantelar e destruir todas as instalações de enriquecimento de urânio e plutónio, bem como fornecer a listagem de todas as facilidades, mas a promessa não é nova. As condições exigidas para tanto é que sempre foram proibitivas. Ter-se-á alterado este quadro? Biegun não esclarece que tipo de concessão exige Pyongyang como moeda de troca.

Entretanto, embora haja a registar o progresso conseguido com o desanuviamento do clima de provocações e de grave tensão político-militar que existia há cerca de um ano na península coreana, continua a não ser possível descortinar, pelo que tem vindo a público, uma estratégia coerente por parte dos EUA, nem sequer que circunstâncias novas poderão justificar este segundo encontro de Trump com Kim Jong-un. Vamos, no entanto, admitir que existe qualquer entendimento de bastidores. Se houver, talvez se possa vir a verificar algum progresso. Caso contrário, os EUA ficarão de novo numa posição diplomaticamente delicada com o Presidente envolvido num processo sobre o qual não têm qualquer controlo. Dentro de de uma semana, já se saberá qual é o caso.

³ A administração americana pretendia ver cobertos os custos referentes ao envolvimento de meios estratégicos, mas Seul conseguiu demonstrar que esse tipo de meios não fazia parte do acordo.